

ESCOLA COMO ESPAÇO PROFÍCUO PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV)

**CAMILLE KIEKOW¹; HELENA PETRARCA TEIXEIRA²; MARIA HELENA DA
SILVA AZEREDO BRUM³, JOSIANE PINHEIRO BERNY⁴; GREICE CARVALHO
DE MATOS⁵**

¹*Universidade Católica de Pelotas – camillekiekow@gmail.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – helena.teixeira@sou.ucpel.edu.br*

³*Universidade Católica de Pelotas – maria.azeredo@sou.ucpel.edu.br*

⁴*Universidade Católica de Pelotas – josiane.pinheiro@ucpel.edu.br*

⁵*Universidade Católica de Pelotas – greicematos1709@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Durante a vida escolar os adolescentes passam por profundas transformações não apenas em seus corpos mas também em suas mentes, e ao passo que desenvolvem seus conhecimentos acadêmicos também estão passando por mudanças em níveis psicológicos que atingem áreas de desenvolvimento ligadas ao aprimoramento de suas habilidades em comunidades, buscando uma maior interação e aceitação por seus grupos. Juntamente ao supramencionado, a grande maioria está iniciando a vida sexual, e constantemente associa-se a frequente alternância de parceiros e ausência de preservativo, o que também pode estar ligado à ausência de educação sexual (SILVA et al., 2006).

Dessa forma, sabemos que o público alvo apto a receber a vacinação também é um público de mais fácil manejo para a transmissão de informações. Tendo isso em vista, fica claro que a escola é um espaço profícuo para a construção/compartilhamento de conhecimento para essa população, visto que a transmissão de informações acontece com ou sem o auxílio de profissionais em saúde, ou educadores aptos a propagar conhecimentos de forma científica e com veracidade. Sabe-se que a falta de informações e presença de informações equivocadas são frequentes entre os grupos de adolescentes, o que facilita a propagação de doenças性uais. Além disso, a incidência de HPV entre essa população vem aumentando nos últimos anos. Portanto, é primordial a realização de ações em saúde nas escolas para que exista um melhor manejo em relação ao controle de doenças entre esse público. (CONTI, BORTOLIN, KÜLKAMP, 2006).

Ademais, mesmo que a faixa etária mais acometida pelo câncer de colo de útero sejam mulheres com 25 anos ou mais, alguns estudos apontam que o maior período de contágio pelo papilomavírus humano ocorre no início da vida sexual (LONGATTO-FILHO et al., 2003), portanto, é fundamental a orientação aos adolescentes sobre o HPV e também as formas de prevenção visto que eles apresentam fatores que os predispõe a uma maior contato com o vírus.

A educação em saúde visa disseminar conhecimento e também promover futuras condutas mais sapientes das pessoas, principalmente em adolescentes, que, em geral, levam o conhecimento adquirido para os seus amigos e, assim, compartilham os seus aprendizados. Dessa forma, se tornarão agentes atentos em sua própria saúde e na saúde das pessoas do seu entorno. (GLANZ, RIMER, VISWNATH, 2008).

Há de se relatar ainda que durante o diagnóstico situacional realizado no Bairro Fátima, foi identificado índices elevados de transmissão de HPV. Isso pode ser atribuído a práticas sexuais desprotegidas, menor conscientização sobre o vírus e seus riscos, bem como ao fato de que essas comunidades muitas vezes têm mais parceiros sexuais. A falta de recursos para a detecção e tratamentos oportunos também contribui para a persistência da infecção nessas populações. Na população brasileira isso foi comprovado pelo Instituto Nacional do Câncer, em 2010, em que foi observado que há maior incidência de transmissão do HPV entre mulheres de baixa renda e menor escolaridade nas regiões Norte e Nordeste. (INCA, 2022).

Diante do exposto, o presente trabalho visa relatar uma atividade de ESCOLA COMO ESPAÇO PROFÍCUO PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV), cujo tem como finalidade abordar a importância da vacinação contra o HPV junto a métodos de prevenção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis, além dos riscos que o vírus pode causar e a orientação a respeito do acesso à Unidade Básica de Saúde Fátima.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de atividades de extensão da Unidade Curricular Extensionista de alunos do primeiro ano do curso de medicina da Universidade Católica de Pelotas. A Unidade Curricular Extensionista tem como objetivo conhecer o conceito de território, sua evolução e planejamento em saúde, analisar o território como elemento estruturante para o planejamento local em saúde, reconhecer o território de abrangência das diferentes UBS'S e aplicar o planejamento. Na supramencionada disciplina há um momento denominado Reflexão da Ação da Prática, a qual é realizado um portfólio relatando as principais características do território de abrangência da UBS frequentada pelos acadêmicos, bem como seu diagnóstico situacional. O presente trabalho tem como base o território da UBS Fátima, na cidade de Pelotas. O grupo optou pela realização da dinâmica de educação em saúde na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Rambo de Pelotas, com o intuito de conscientizar acerca da importância de se vacinar contra o vírus do HPV, uma vez que esse é capaz de acometer significativos riscos à saúde, tais como câncer de colo de útero.

Tal proposta para melhor compreensão salutar surgiu a partir de pesquisas realizadas pelas alunas do primeiro ano da Medicina UCPel da Unidade Básica de Saúde Fátima, as quais apontavam uma diminuição crescente da adesão populacional, de faixa etária correspondente (9 a 14 anos). Com isso, as discentes decidiram propagar informação acerca do que é em si o vírus, bem como formas de transmissão, sintomas comuns e formas preventivas. Nesse contexto, vale ressaltar que tal difusão informacional se deu por meio de, primeiramente, uma breve rodada de perguntas, podendo ser as respostas escritas em papéis que as alunas entregaram com as opções de respostas sendo “sim” ou “não”, com o fito de avaliar e fazer uma pesquisa com os papéis que foram recolhidos. Em um segundo momento foi a continuação da apresentação temática, por meio de explanação acerca da temática com auxílio de recursos audiovisuais. Assim, concretizando essa ação salutar incentivando maior comprometimento dessa parcela populacional com tal campanha preventiva, visando majorar os índices encontrados pelas alunas a princípio e, consequentemente, promovendo saúde.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade de educação em saúde na Escola Estadual de Ensino Fundamental Pedro Rambo foi realizada no dia 25 de agosto e 1 de setembro do corrente ano, em uma turma de adolescentes dos 7º anos. Na ocasião participaram da atividade 31 alunos de sexos feminino e masculino.

Ao iniciar a metodologia na escola, as discentes administraram um pré-teste de forma anônima para avaliar o conhecimento prévio dos adolescentes sobre o tema proposto, o qual abordava as seguintes perguntas: vocês já ouviram falar sobre o HPV?, você conhece alguma forma de transmissão do HPV?, você sabe quais são os principais sintomas ou manifestações do HPV?, você sabe qual é a importância de se prevenir contra o HPV?, você sabia que o HPV está relacionado ao câncer?, você já se vacinou contra o HPV?.

À medida que as respostas iam sendo recebidas ficou claro a urgente necessidade de trabalhar a temática com aquele grupo, haja vista que foram coletados os seguintes resultados no questionário: 24 responderam não para a pergunta “Você já ouviram falar sobre o HPV?”, 27 responderam não para a pergunta você conhece alguma forma de transmissão do HPV?, 28 responderam não para a pergunta “você sabe quais são os principais sintomas ou manifestações do HPV?”, 30 responderam não à pergunta “você sabe qual é a importância de se prevenir contra o HPV?”, 29 responderam não para a pergunta “você sabia que o HPV está relacionado ao câncer?” e 23 responderam não à pergunta “você já se vacinou contra o HPV?”. Vale ressaltar que dos 31 alunos, 19 responderam não para todas as perguntas.

No decorrer da abordagem foi exposto slides didáticos para transmitir conhecimentos, durante a aplicação da metodologia proposta a grande maioria se mostrou interessada, o que surpreendeu a equipe de maneira positiva. Ao passar da apresentação diversas dúvidas foram surgindo entre o público, dúvidas como a seguinte: “Pode pegar pelo beijo?”, “E se a camisinha romper o que eu faço para não pegar?”, “Se eu tiver essa doença posso tomar a vacina?”, “Depois dos 14 anos eu ainda posso tomar?” e “Se a grávida tiver HPV, o bebê pode se infectar?”, entre outros questionamentos. Além disso, teve-se uma percepção positiva do comportamento dos escolares, ao passo que dúvidas sobre a vacinação surgiram antes mesmo do momento em que estava previsto para ser abordada a temática.

Perante um estudo realizado com os adolescentes de uma cidade de São Paulo aponta-se evidências que reafirmam a importância da aplicação desse tipo de estudo na comunidade, pois mostra que o desconhecimento do vírus e da vacina faz parte dos motivos que estimulam a não adesão à medidas protetivas, portanto, reafirma a necessidade de medidas educativas em saúde. (ZANINI, 2017)

4. CONCLUSÕES

Em síntese, fica notória a importância da ação de educação em saúde feita na escola. Foi possível perceber que ações como esta surgem como estratégia para a construção do conhecimento de adolescentes. Apesar do assunto abordado ter os deixado envergonhados inicialmente, buscamos da forma mais dinâmica e didática possível mostrá-los o quanto o corpo humano não deve ser um tabu ao ser falado, os deixando à vontade para tirarem suas dúvidas e medos,

e assim, conseguimos ter um diálogo saudável sobre um assunto extremamente pertinente de Saúde Pública.

Ademais, destaca-se a importância de projetos extensionistas na população, estabelecendo uma troca de conhecimentos entre a comunidade e a universidade, e vice-versa. Diante dos resultados falados, concluímos que fizemos uma grande diferença na vida das pessoas, que, por conseguinte, e como dito por eles, podem compartilhar o conhecimento adquirido e tornarem-se também agentes ativos na batalha da prevenção do HPV. No que tange os universitários, estes podem utilizar-se das atividades extensionistas para o aprimoramento do conhecimento em temáticas pertinentes para sua construção enquanto profissionais de saúde. Por fim, a partir da notória falta de conhecimento dos adolescentes acerca do HPV, sugerimos novas práticas que compreendam questões como prevenção à IST's, sobretudo em relação à candidíase, que vem mostrando seu aumento de casos nas Unidades Básicas de Saúde de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTI FS, BORTOLIN S, KULKAMP IC. Educação e promoção à saúde: comportamento e conhecimento de adolescentes de colégio público e particular em relação ao papilomavírus humano. **DVST- J Bras Doenças Sex Transm**, Brasil, v.18, n.1, p.30-35, 2006.

GLANZ, K., RIMER, B. K., VISWANATH, K. **Health Behavior and Health Education: Theory, Research, and Practice**. San Francisco: Jossey-Bass, 2008. 4^a ed.

INCA, **DADOS E NÚMEROS SOBRE CÂNCER DO COLO DO ÚTERO**, Rio de Janeiro, setembro de 2022. Acessado em 5 de setembro de 2023. Online. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/dados_e_numeros_colon_22setembro2022.pdf

LONGATTO-FILHO, A. ;; ETLINGER, D. ;; GOMES, N. S. ;; CRUZ, S. V. da ;; CAVALIERI, M. J. . **Freqüência de esfregaços cérvico-vaginais anormais em adolescentes e adultas: revisão de 308.630 casos**. Revista do Instituto Adolfo Lutz, [S. I.], v. 62, n. 1, p. 31–4, 2003. Acesso em: 21 ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/RIAL/article/view/34947>

SILVA, P. D. B.; OLIVEIRA, M. D. da S.; MATOS, M. A. de; TAVARES, V. R.; MEDEIROS, M.; BRUNINI, S.; TELES, S. A. **COMPORTAMENTOS DE RISCO PARA AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ADOLESCENTES ESCOLARES DE BAIXA RENDA**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 7, n. 2, 2006. Acesso em: 21 ago. 2023. Online. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/884>

ZANINI NV, PRADO BS, HENDGES RC, SANTOS CA, RODOVALHO FV, BERNUCI MP. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, Rio de Janeiro, v.12, n.39, p.1-13, 2017.